

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Helena Ângelo Veríssimo, *Os Jornalistas nos anos 30/40-Elite do Estado Novo* (2003), Coimbra: Edições Minerva, Colecção Comunicação.

Clara R. Pinto Caldeira

Os jornalistas, hoje uma classe profissional com uma importância social incontornável, são o tema deste livro que nos traz uma abordagem à situação, contexto e papel destes profissionais no tempo do Estado Novo, em pleno regime ditatorial de Salazar.

O livro explora sobretudo duas dimensões históricas da profissão dos jornalistas da época: a ideologia e a sua expressão propagandística e a organização corporativista do Estado Novo. Assim, é interessante compreender que este regime tinha particularidades que o distinguiam de outros regimes totalitários da época, nomeadamente Itália e Alemanha, em parte pela forma como o poder foi alcançado em cada um dos países e pelas próprias personalidades que os governaram. Enquanto Hitler e Mussolini utilizaram a propaganda como forma de envolvimento entusiástico das massas nos seus projectos políticos, Salazar, cuja subida ao poder não dependeu de uma acção ideológica prévia, tinha uma visão moral da propaganda, subordinada à legitimação do poder e à divulgação das suas obras e realizações, num espírito de contenção, pacificação e despolitização das massas. A imprensa, e a constituição de uma elite dos jornalistas, vão ser um factor chave no âmbito de uma visão da propaganda que destina às massas um papel de objecto de inculcação dos valores, projecto coordenado e controlado pelo Secretariado Nacional da Propaganda. A duplicidade vanguardismo/conservadorismo que caracteriza as manobras propagandísticas dos regimes fascistas também está presente no regime português, e a personalidade de António Ferro é

neste âmbito referida como fundamental na arquitectura de uma «política do espírito».

Um outro aspecto da actividade dos jornalistas muito explorada neste livro, e muitíssimo documentada, é a integração desta actividade profissional na lógica corporativa da organização do Estado Novo. O Sindicato dos Jornalistas foi, na época, uma das mais eficazes formas de controlo da imprensa, com obrigatoriedade de sindicalização de directores e chefes de redacção, colaboração estreita entre a direcção dos Serviços de Censura, e a imposição de quotização efectiva para todos os profissionais do ramo, mesmo dos não sindicalizados, uma forma indirecta de controlo do Estado sobre um grupo de profissionais cuja actividade dependia da sua adequação aos princípios ideológicos definidos pelo Estado Novo. Mas, curiosamente, o Sindicato dos Jornalistas foi, ainda que numa lógica corporativa, o agente das primeiras conquistas de direitos dos jornalistas, cujo prestígio social enquanto elite não correspondia ao seu nível de vida económico. Entre alguns avanços, contam-se conquistas como a carteira profissional, a Caixa de Reforma dos Jornalistas, o contracto colectivo, e a definição de salários mínimos e horários. Regista-se ainda a tentativa (falhada) de introdução em Portugal de um curso de formação para o qual estiveram previstos docentes como Vitorino Nemésio e Marcelo Caetano, um projecto revolucionário que pretendia ultrapassar a noção do jornalista como homem de letras, autodidacta, de cultura geral, integrado no espírito da nação, dando lugar à noção de profissional especializado. A definição do estatuto e correspondentes regalias de uma identidade profissional é, assim, contemporâneo de um jornalismo espartilhado pelas imposições da propaganda ideológica de um Estado autoritário e conservador.

A censura, a fraca adesão da grande maioria dos jornalistas à vida sindical, e a restrição de

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

acesso à mesma, no âmbito de uma política definidora desta elite profissional são aspectos referidos neste livro como sinais de uma actividade contrariada nos seus princípios fundamentais. No entanto, estes aspectos, bem como a realidade das redacções, uma caracterização desta classe «oprimida» e as estratégias de reacção são pouco aprofundados neste livro que não deixa de traçar um quadro de alguns dos aspectos fundamentais da realidade dos jornalistas no Estado Novo.